



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estudos de avaliação da impulsividade com a BIS-11 de Barratt numa amostra forense da DGRSP

Tânia Pereira

(e-mail: taniapereira.pereira6@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde, área de especialização em Psicologia Forense sob a orientação da Professora Doutora Isabel Marques Alberto

Estudos de avaliação da impulsividade com a BIS-11 de Barratt numa amostra forense da DGRSP

Resumo

Este estudo teve como principal objetivo avaliar a impulsividade através da BIS-11, uma escala de avaliação da impulsividade desenvolvida por Barratt, numa amostra forense da DGRSP de Vila Franca de Xira. A amostra total é constituída por 56 participantes (28 participantes com processos na DGRSP e 28 da população geral), com idades entre os 18 e 55 anos. As subamostras são equivalentes no que respeita ao sexo, idade e nível de instrução. A todos os participantes os protocolos foram administrados individualmente e pela mesma sequência: Questionário de dados sociodemográficos; a Escala de Avaliação da Impulsividade de Barratt (BIS-11); a Escala de avaliação da empatia (ESEMP); a Escala de Desejabilidade Social em Contexto de Avaliação (DESCA) e a Escala da Personalidade de Eysenck (EPQ-R).

Os resultados mostraram que a BIS-11 têm globalmente uma boa consistência interna na subamostra forense; os participantes desta subamostra forense não registaram mais impulsividade que os da subamostra de controlo e em função da correlação entre a BIS-11 e a DESCAs, os participantes forenses não responderam de acordo com a desejabilidade social. A dimensão Extroversão (medida pelo EPQ-R) parece ser a que mais se relaciona com a impulsividade.

Palavras-chave: Impulsividade, BIS-11, Contexto forense, DGRSP

Impulsivity avaluation studies with BIS-11 of Barratt in a forensic ample of DGRSP

Summary

This studies had as a main goal to avalue impulsivity through BIS-11, in a avaluation scale of impulsivity made by Barratt, in a forensic sample of DGRSP of Vila Franca de Xira. The total sample is made by 56 participants (28 participants with processes in DGRSP and 28 of the general population), with ages between the 28 and 55 years old. The subscales are equivalente in the items of sex, age and formations levels. The all participants the protocols where adminstrated individual and through the same sequence: Questionary of socialdemographic data; The avaluations scale of impulsivity of Barratt (BIS-11); the avaluations scale of empathyn (ESEMP); The social disirability scale in a avaluation contexto (DESCA) and The Personality scale of Eysenck (EPQ-R).

The results have shown that BIS-11 have, globaly, a good internal consistensy in the forensic subsample have not resistered more impulsivity than the ones from the control subsample and infunction of the correlation between BIS-11 and DESCAs, the forensic participants have not responded in accordance with social disiderability. The Extroversion dimention (mesured by EPQ-R) seems to be the one with a bigger connection with impulsivity.

Key Words: Impulsivity, BIS-11, forensic sample, DGRSP

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Isabel Alberto pela orientação neste trabalho, pelo apoio e disponibilidade prestados.

Agradeço a todas as pessoas que se disponibilizaram para colaborar na recolha da amostra, em especial a todos os técnicos da DGRSP que me auxiliaram na aplicação do protocolo e na recolha da amostra.

Agradeço ao meu namorado, Duarte Moreira, que incentivou na realização deste trabalho, pela sua compreensão ao longo deste período

Índice

Introdução

I Enquadramento conceptual

1.1. Definição de Impulsividade.....	1
1.2. Tipos de Impulsividade.....	4
1.3. Estudos sobre a impulsividade em amostras forenses	6

II - Objetivos.....	8
---------------------	---

III - Metodologia

3.1. Amostra	8
3.2. Instrumentos.....	10
3.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	18
3.2.2. Escala de Avaliação da Impulsividade BIS-11...18	
3.2.3. Escala de Desejabilidade Social (DESCA).....	19
3.2.4. Escala de Avaliação da Empatia (ESEMP).....	20
3.2.5. Questionário da Personalidade de Eysenck.....	21
3.3. Procedimentos	22

IV - Apresentação de Resultados.....	23
--------------------------------------	----

V - Discussão.....	32
--------------------	----

VI - Conclusões.....	34
----------------------	----

Bibliografia.....	36
-------------------	----

Anexos

Introdução

A impulsividade é um construto/fenómeno muito referenciado na prática clínica, sobretudo no trabalho com crianças (Barkley, 1990), mas constitui igualmente uma característica essencial a considerar quando se trabalha com amostras forenses (Haden & Shiva, 2008). Para Farrington e Jolliffe (2009) a impulsividade corresponde a uma redução geral da capacidade de controlo de um comportamento, pelo que se poderá traduzir por termos como baixo auto-controlo, hiperatividade, inatenção, incapacidade de adiar a gratificação, assumir riscos, busca de sensações e a não consideração das consequências antes de agir. Hawkins et al. (1988, como citados em Farrington & Jolliffe, 2009) fizeram uma revisão da relação entre as medidas de impulsividade e atos violentos que ocorrem mais tarde, através de estudos longitudinais e os resultados mostraram um efeito maior na relação entre o gosto de assumir riscos e a violência, seguindo-se da falta de descanso e problemas de concentração, sendo que a hiperatividade/pouca atenção demonstram uma menor relação com a violência. As conclusões deste estudo confirmam uma relação consistente entre a impulsividade e o comportamento violento mais tarde (Farrington & Jolliffe, 2009). No que concerne aos modelos propostos para a avaliação da impulsividade destaca-se Barratt (1996), cujo modelo é semelhante ao quadro clínico de PHDA da Infância (Barkley, 1997, como citado in Tavares, 2000). Barratt (1996) propôs uma explicação da relação entre a impulsividade e a agressão, todavia os resultados são um pouco contraditórios, apresentando três tipos de impulsividade: a impulsividade temporal, que exige aos sujeitos a escolha entre pequenas respostas imediatas e o aumento do adiamento da recompensa; a impulsividade motora, resultante da ação impulsiva, incapaz de inibir um comportamento anteriormente iniciado; e a impulsividade reflexiva, muito semelhante à temporal na medida em que resulta num tipo de tomada de decisão impulsiva, isto é, de uma forma rápida sob condições de incerteza (Caswell, Morgan, & Duka 2013).

A validação de uma escala para avaliar a impulsividade em contexto forense visa identificar as qualidades psicométricas do instrumento, neste

enquadramento específico e oferecer um recurso de medida objetiva quer no acompanhamento de processos judiciais, quer na previsão de comportamentos criminais futuros.

Assim, com o presente estudo propomos-nos comparar a impulsividade avaliada pela BIS-11 entre uma subamostra forense da DGRSP e uma subamostra de controlo, da população geral. Foram ainda realizados estudos de precisão e de correlação, com vista a analisar as qualidades psicométricas da BIS-11, bem como obter dados descritivos da escala e respetivas subescalas em função das variáveis Sexo, Idade, Escolaridade e Profissão.

I – Enquadramento conceptual

1.1 - Definição de Impulsividade

A impulsividade é uma componente fundamental da Psicologia e uma característica essencial a considerar quando se trabalha com amostras forenses (Haden & Shiva, 2008).

Na conceptualização da impulsividade em termos gerais encontramos algumas discrepâncias entre os vários autores. Segundo Claes et al. (2000), inicialmente este construto era definido como “comportamento sem qualquer pensamento associado” (English, 1928), “uma ação do instinto sem ser retida pelo ego” (Demont, 1933), uma ação rápida da mente que não passa por um julgamento consciente (Hilnslie & Shatzky, 1940), uma ação associada a um nível mínimo de cognição sobre as ações futuras ou uma ação a partir de pensamentos que não têm em conta o melhor para o próprio ou para os outros (Anon, 1951), “um comportamento sem pensamento adequado” (Smith, 1952), ou a “ausência de reflexão entre um estímulo do ambiente e a resposta do indivíduo” (Dood, 1990).

Mais tarde, Romeiro, Almeida, e Horta (2006) definiram a impulsividade como a ausência de organização prévia ou a incapacidade do sujeito monitorizar o seu autocontrolo, perante os seus impulsos e ações. Farrington e Jollieffe (2009) chamam a atenção para o facto de a impulsividade pode ser influenciada por hábitos de vida desadequados, como o consumo tabágico, o vício de jogo, o consumo de bebidas alcoólicas e a prática de crimes.

De acordo com a DSM – IV – TR (American Psychologist Assossiation, 2000) as perturbações de controlo de impulsos são caracterizadas pela incapacidade para resistir aos impulsos que aumentam a possibilidade de ocorrer um comportamento auto-destrutivo ou que têm consequências prejudiciais a longo prazo (Antony & Barlow, 2010). Algumas das Perturbações de Controlo de Impulsos são descritas pelo grande sentido de tensão ou ativação antes de agir, e pela gratificação ou alívio durante a sua ação (Antony & Barlow, 2010).

Na categoria das Perturbações de Controlo de Impulsos (APA, Estudos de avaliação da impulsividade com a BIS-11 de Barratt numa amostra forense da DGRSP Tânia Pereira (e-mail: taniapereira.pereira6@gmail.com) 2014

2000) incluem-se as perturbações intermitentes explosivas, a kleptomania, a piromania, o jogo patológico e a tricotilomania. Mas outros comportamentos impulsivos estão categorizados como perturbações de controlo de impulsos não especificados (por exemplo, compras compulsivas) (Antony & Barlow, 2010). Estas perturbações terão em comum o construto da impulsividade, definida como “a predisposição rápida, para reações não planeadas a estímulos internos ou externos sem considerar as consequências negativas que há para o sujeito impulsivo ou para os outros” (Moeller, Barratt, Dougherty, Schmitz & Swann, 2001, p. 1784).

Outros autores conceptualizam as Perturbações de Controlo de Impulsos como distúrbios causados pelo uso de substâncias, o que constitui claramente um critério de diagnóstico para o Jogo Patológico, com paralelismo para o abuso e dependência de substâncias (APA, 2000; Grant et al., 2006). Porém, o termo “adição” é tradicionalmente usado para descrever dependência fisiológica e psicológica de substâncias, mais recentemente o termo tem sido aplicado a algum comportamento associado com o estado de ansiedade, incapacidade de controlo, e o compromisso comportamental continuado, apesar das consequências adversas (Grant et al., 2006).

O construto da impulsividade encontra-se também associado ao diagnóstico de Perturbação de Hiperatividade com/sem Défice de Atenção (PHDA). A definição de PHDA inclui uma lista de dezoito sintomas comportamentais agrupados por dois grupos, o desatento e o hiperativo-impulsivo (APA, 2000). Indivíduos com PHDA não possuem a capacidade para requerer e inibir uma resposta comportamental, apresentando défices no controlo executivo, planeamento e na resolução de problemas. Barkley (1990) refere que existe um défice nos “comportamentos governados por regras” ou na capacidade para compreender a relação entre os comportamentos, os seus antecedentes e as consequências. Assim, a impulsividade tem sido estudada em duas vertentes: a) em que constitui um traço de personalidade (Silva, 2000), e b) um sintoma presente num vasto número de perturbações (Almeida, Romeiro, & Horta., 2005).

O modelo proposto por Barratt (1993, como citado em Patton,

Stanford, & Barratt, 1995) apresenta muitas semelhanças com o quadro clínico de PHDA da Infância (Barkley, 1997; Tavares, 2000), postulando a necessidade de um modelo de compreensão multicausal, com fatores oriundos de quatro dimensões diferentes (ambiental, biológica, cognitiva e comportamental). Patton, Stanford, e Barratt (1995) de acordo com uma base neurológica da impulsividade, propõem um modelo de funcionamento cortical deficitário que refletiria a incapacidade do indivíduo impulsivo prolongar o tempo entre o estímulo e a resposta para elaboração de comportamentos mais adaptáveis (Patton, Stanford, & Barratt, 1995; Tavares, 2000). Esta perspectiva aproxima-se das primeiras suposições de Eysenck (1993, como citado em Patton, Stanford, & Barratt, 1995) de que a impulsividade resulta de um córtex cerebral (telencéfalo) subativado, incapaz de inibir as estruturas subjacentes. O indivíduo impulsivo é então descrito como uma pessoa inquieta, com défices no desempenho em testes de atenção e de habilidade psicomotora, pouco motivado para atividades intelectualmente complexas ou que requerem reflexão (em Patton, Stanford, & Barratt, 1995; Tavares, 2000).

Todavia, Zuckerman (1994, como citado em Tavares, 2000) descreve uma pessoa impulsiva como alguém inquieto, porém vivaz, que aprecia atividades intelectualmente estimulantes e complexas. A explicação proposta pelo autor assenta numa base neurofisiológica da Busca de Sensações, em que hipotetiza um telencéfalo excessivamente ativado pelo sistema límbico, cujo paralelo fonotípico na clínica é o estado maníaco (Tavares, 2000).

Com o objetivo de conciliar estas duas definições de impulsividade, Eysenck & Zuckerman (1978, como citado em Tavares, 2000) propõe um modelo de impulsividade composto por dois fatores independentes entre si: Impulsividade (que advém de atos precipitados e incapaz de antever as consequências) e Espírito Aventureiro (*Venturesomeness*, semelhante ao conceito de Busca de Sensações).

Diversos estudos apontam para um declínio da impulsividade com o aumento da idade, contudo Claes et al. (2000) verificaram uma manutenção da problemática, ou seja, indivíduos mais impulsivos tendem a manter-se impulsivos ao longo da vida. Em termos de diferenças por género, vários estudos têm demonstrado que os homens são, regra geral,

igual ou mais impulsivos do que as mulheres (Claes et al., 2000). Mas a influência destes dois fatores, sexo e idade, continuam a ser alvo de controvérsia na literatura.

1.2-Tipos de Impulsividade

A maioria das medidas de impulsividade tem sido construída para avaliar um construto unidimensional. Contudo, pesquisas mais recentes têm encontrado duas ou mais dimensões (e.g. Barratt, 198; Gerbing et al., 1987; Parker et al., 1993; Whiteside & Lynam, 2001; Wu & Clark, 2003, como citado em Vigil-Colet, Morales-Vives, & Tous, 2008), daí a consideração deste construto como multidimensional.

A impulsividade tem sido definida como a tendência para tomar menos decisões do que a grande parte das pessoas com capacidades iguais antes da tomada de decisões. A consequência desta ausência de deliberação pelo funcionamento cognitivo tem sido considerada geralmente como negativa (Dickman, 1990). Um recente trabalho acerca da relação entre impulsividade e funcionamento cognitivo reforça esta ideia no sentido em que sugere que, as consequências da impulsividade nem sempre são negativas. Por exemplo, quando as tarefas experimentais são muito simples, elevados níveis de impulsividade geram uma resposta rápida tal como os custos em erros (Dickman, 1990). Quando o tempo avaliado para tomar uma decisão é extremamente rápido, uma elevada impulsividade é mais frequente e útil do que baixa impulsividade (Dickman & Meyer, 1988).

Haden e Shiva (2008) consideram a impulsividade como uma dimensão essencial da personalidade. Algumas teorias consideram a impulsividade como traço distinto da personalidade, semelhante à Escala de Busca de Sensações, a dimensão de Psicoticismo do Questionário da Personalidade de Eysenck (Haden & Shiva, 2008), o fator Neuroticismo do Inventário de Personalidade e o fator constrangimento do Questionário de Personalidade Multidimensional (Tellegen, 1985). De facto, cada vez mais se tem sugerido que a impulsividade é multifatorial e é concebida como constituindo vários tipos de comportamentos que refletem processos neurobiológicos, farmacológicos e cognitivos (Casweel, Morgan, & Duka, 2013). Tem-se proposto a distinção entre tomada de

decisão impulsiva (ou impulsividade cognitiva) e ação impulsiva que têm subjacente um impulsividade “temporal” e “reflexiva”, como tipo de tomada de decisão impulsiva, e “ motor” – impulsividade como ação impulsiva (Caswell, Morgan, & Duka, 2013).

A incapacidade de obter gratificação tem sido referida como impulsividade “temporal”, em que os indivíduos têm de escolher entre pequenas respostas imediatas e o adiamento da recompensa. Indivíduos com uma elevada impulsividade temporal são incapazes de esperar para obter gratificação (Caswell et al., 2013). A impulsividade reflexiva tem sido proposta como a tendência para tomar decisões de forma rápida sob condições de incerteza. Um indivíduo com níveis elevados de impulsividade reflexiva procederá à tomada de decisão antes de obter toda a informação necessária.

A impulsividade motora está relacionada com o “comportamento desinibido” e trata da incapacidade para inibir um comportamento anteriormente iniciado (Dickman, 1990). Na relação entre a impulsividade e o controlo inibitório, a impulsividade motora e a inibição comportamental são antípodas. Todavia, a assunção de que o défice no controlo inibitório é responsável pela impulsividade motora poderá implicar também impulsividade “cognitiva”. Por exemplo, tem-se sugerido que a inibição comportamental de uma resposta iniciada provém de um processo de decisão, permitindo a auto-regulação e controlo de resposta (Barkeley, 1997; Caswell et al., 2013).

Vigil-Colet, Morales-Vives, & Tous (2008) referem-se à agressão impulsiva caracterizada por atos agressivos não planeados e impulsivos que são provocados na sua totalidade, ou apenas uma parte, por traços impulsivos da personalidade.

1.3- Estudos sobre a impulsividade em amostras forenses

Em populações forenses têm sido assinalados níveis elevados de impulsividade. Uma propensão para a impulsividade é frequentemente refreçada no comportamento agressivo e na recaída em várias amostras forenses (Dolan, & Fullam, 2004), pelo que é crucial uma avaliação adequada da impulsividade nestas amostras.

A Teoria geral do crime de Gottfredson e Hirshi (1990, como

citado em Fonseca, & Simões, 2004) explica as formas de comportamento anti-social que vão desde o homicídio ao crime de colarinho branco, passando por vários outros comportamentos análogos (hiperatividade, consumo de drogas, etc.). Apesar da diversidade de problemáticas que esta teoria abrange, todas apresentam uma característica em comum - trazem benefícios e ganhos imediatos, mas envolvem riscos e danos a longo prazo. Estes indivíduos tendem a apresentar “baixo autocontrole” (Fonseca & Simões, 2002), expressão usada por Gottfredson e Hirshi (1990, como citados em Fonseca, & Simões, 2004) para descrever o sujeito impulsivo, insensível aos sentimentos e necessidades dos outros, mais interessado pela atividade mental, com um gosto exagerado pelo risco e pela aventura, com limitadas perspectivas temporais (orientado para o “aqui e agora”), centrado sobre si mesmo e mais disposto a agir do que a verbalizar. Gottfredson e Hirschi (1990, como citados em Fonseca, & Simões, 2004) consideram que os sujeitos com baixo auto-controle envolver-se-ão sempre em mais comportamentos desviantes e delinquentes até à vida adulta.

Jessor, Costa, Krueger, & Turbin (2006) verificaram que indivíduos com problemas de autocontrole num domínio (por exemplo, delinquência) tinham também baixo autocontrole noutros domínios (por exemplo, no consumo de álcool).

Contudo, não é liemar que a impulsividade esteja associada a uma carreira criminal. Laub & Sampson (1993) concluíram que o poder preditivo do autocontrole diminuía com a idade, pois o autocontrole não pode ser considerado isoladamente, mas em conjunto com as oportunidades para transgredir. O autocontrole não é uma variável que atua sozinha, mas outras variáveis como a idade, o género e a proveniência urbana/rural (Fonseca & Simões, 2002). O papel da impulsividade e do baixo autocontrole no comportamento anti-social e no crime não tem gerado consenso (Fonseca & Simões, 2002).

De acordo com a teoria proposta por Dickman (1990), de que a ação impulsiva poderá resultar em consequências funcionais e disfuncionais, o autor reportou os resultados fracamente correlacionadas ($r=.22$) obtidos entre duas escalas de impulsividade que registaram) o que evidencia a existência de duas facetas da impulsividade nas duas escalas

(Milia, 2013).

Vários estudos analisaram a relação entre busca de sensações pouco sociáveis e psicoticismo, extroversão e neuroticismo. Aluja, García & García (2004) avaliaram uma amostra através da Escala Reduzida de Personalidade de Eysenck – Versão Revista e o Questionário da Personalidade de Zuckerman Kuhlman (ZKPQ – III – R), incluindo uma escala de busca de sensações pouco sociáveis. Os valores obtidos nesta escala apresentaram correlações com o fator Psicoticismo ($r=.57$), com a Extroversão ($r=.34$), mas com uma menor extensão, e com o Neuroticismo ($r=.13$). Aluja, García & García (2004) através de uma análise fatorial destas escalas encontraram a existência de suporte para a associação entre Psicoticismo e Busca de Sensações pouco sociáveis.

Estudos com presos por crimes de assalto à mão armada e que praticavam desportos radicais e assumiram profissões de risco sugeriram que a busca de sensações está positivamente correlacionada com a impulsividade, a susceptibilidade para o aborrecimento, desinibição, Psicoticismo, Neuroticismo e negativamente correlacionada com a socialização. Os profissionais que assumiam riscos são caracterizados por baixos níveis de Psicoticismo e elevados níveis de Procura de Aventura (Herrero & Colom, 2008). Eysenck propôs uma teoria relativa à relação entre a personalidade e a delinquência, sendo que para verificar esta hipótese aplicou-se a versão portuguesa do EPQ a um grupo de presos. Secundariamente, este estudo pretendia testar as hipóteses segundo as quais indivíduos delinquentes apresentaram scores mais elevados do que os normais, em Extroversão, Psicoticismo e Neuroticismo (Fonseca, Eysenck, & Simões, 1991). Os resultados neste estudo apontaram para valores mais elevados na amostra prisional nas escalas de Neuroticismo e Mentira comparativamente com o outro grupo de população geral, sendo esta diferença estatisticamente significativa. As correlações entre as escalas de Psicoticismo e Mentira, mais elevadas no grupo de presos, apontam para a ocorrência de dissimulação ou desiderabilidade social marcadas, o que poderá ter afetado os resultados deste grupo na escala de Psicoticismo (Fonseca, Eysenck, & Simões, 1991).

Hawkins et al. (1988, como citados em Farrington & Jolliffe, 2009) fizeram uma revisão da relação entre as medidas de impulsividade

e atos violentos que ocorrem mais tarde, procedendo a estudos longitudinais. Os autores separaram o construto impulsividade em categorias, nomeadamente, hiperatividade/baixa atenção, concentração de problemas, falta de descanso, assumir riscos. Os resultados mostraram um efeito maior na relação entre o gosto de assumir risco e a violência, seguindo-se a falta de descanso e os problemas de concentração, sendo que a hiperatividade/pouca atenção demonstram uma menor relação com a violência.

Outras investigações recentes sugeriram que uma elevada impulsividade também pode contribuir para o aumento da possibilidade de cometer um crime indiretamente através de uma pessoa e da sua interação com o ambiente (Farrington & Jolliffe, 2009). Assim, a influência poderá ser exercida direta ou indiretamente. A influência direta exercer-se-á na forma como os indivíduos tomam decisões em oportunidades criminais, enquanto a via indireta seria concretizada através das interações com sistemas relevantes. Em ambos os casos poderá levar ao aumento da probabilidade de prevaricação (Farrington & Jolliffe, 2009).

Assim, apesar da literatura e pesquisa extensas, ainda restam muitas questões sem resposta consensual e o que é exatamente a Impulsividade e a influência que ela tem nas populações forenses exige o investimento na investigação na área.

II - Objetivos

Objetivo geral

O presente estudo visa identificar a Impulsividade numa amostra forense através dos valores obtidos nas subescalas da BIS-11 de Barratt.

Objetivos específicos

- ✓ Avaliar as qualidades psicométricas da BIS-11 na subamostra forense da DGRSP;
- ✓ Obter valores de referência para a avaliação da impulsividade de sujeitos envolvidos em processos

judiciais;

- ✓ Comparar os resultados obtidos nas subescalas da BIS-11 entre uma subamostra forense da DGRSP e uma subamostra da população geral (controle);
- ✓ Analisar as correlações entre a BIS-11 total e as suas subescalas e os totais subescalas do EPQ-R, DESCA e ESEMP.

Pretendia-se inicialmente examinar a influência das variáveis idade (categorias), sexo e nível de escolaridade (categorias) nos resultados das várias subescalas da BIS-11, mas considerando a distribuição por sexos desequilibrada e o reduzido número de participantes por cada uma das categorias das restantes variáveis, optou-se por abandonar este objetivo.

III - Metodologia

3.1. Amostra

A amostra total é constituída por 56 participantes, sendo 28 da subamostra forense da DGRSP e 28 da subamostra de controle, da população geral.

Caracterizando a amostra forense (n=28) a maioria situa-se nas faixas etárias compreendidas entre os 18 e os 25 (n=11) e entre os 26 e os 35 anos (n=10). Com menor evidência surgem os participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (n=7). Quatro (14,3%) participantes são do sexo feminino e 24 (85,7%) do sexo masculino (ver Tabela 1). A maioria da amostra reside numa zona medianamente urbana (n=15; 53,6%). Os sujeitos são maioritariamente solteiros (n = 15; 53,6%) apesar de 14 (50 %) terem filhos. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 50% (n=14) dos participantes frequentaram durante 9 anos a escola, contrastando com a reduzida percentagem (n=1; 3,6%) que frequentaram um curso superior. Relativamente à atividade profissional, grande parte da amostra (n=10; 35,7%) é constituída por operários, artífices e trabalhadores similares, segundo a classificação Nacional das Profissões (CNP), seguindo-se da quantidade de sujeitos desempregados (n=8; 28,6%) (ver tabela 1). A subamostra de controle (n=28) tem as mesmas características porque foi constituída por emparelhamento. Ainda,

em relação à amostra experimental foi questionada acerca da tipologia de processos pelos quais recebem acompanhamento na DGRSP, sendo que a maioria é acompanhada no âmbito de Suspensão Provisória de Processo (n=18), por crimes de condução com álcool (n=15), tráfico de estupefacientes de menor gravidade (n=2), e crime de inflação de taxas de circulação em táxi (n=1), e um pequeno grupo é seguido no âmbito de Suspensão de Execução de Pena, por crimes de violência doméstica (n=2), roubo (n=2), tráfico de droga (n=1), detenção ilegal de arma (n=1) e, por último, em menor número o acompanhamento de liberdades condicionais (n=4), por crimes de tráfico de droga (n=3) e roubo (n=1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas da subamostra da DGRSP (n=28)

Variáveis		n	%	M (DP)
Sexo	Masculino	24	85,7	
	Feminino	4	14,3	
Idade	18-25	10	38,0	34,64 (10,587)
	26-35	11	40,0	
	36-45	7	22,0	
Estado Civil	Solteiro	15	53,6	
	Casado	8	28,6	
	Divorciado	5	17,9	
Filhos	Não	14	50,0	
	Sim	14	50,0	
Nível de escolaridade	4	4	14,3	
	6	3	10	
	9	14	50	
	12	6	21,5	
	Doutoramento	1	3,6	
Atividade Profissional	Técnicos e profissionais de Nível Intermédio Pessoal Administrativo e Similares	1	25,0	
	Pessoal dos	1	53,6	
		3	21,4	

	Serviços e Vendedores Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	10	35,7
	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	4	14,3
	Desempregado	8	28,6
	Estudante	1	3,6
Residência	Rural	7	25,01
	Medianamente urbana	15	53,6
	Urbana	6	21,4

A distribuição da Idade (categorias) nas duas subamostras (DGRSP e controlo) é equivalente ($\chi^2_{(2)} = 1,466$; $p = .480$); a distribuição pela profissão também é equivalente ($\chi^2_{(10)} = 7.421$; $p = .685$), com um valor de $p = .819$ pela simulação de Monte Carlo (algumas categorias tinham menos de 5 casos); no nível de escolaridade obteve-se um valor ($\chi^2_{(5)} = 4.406$; $p = .237$) (na simulação de Monte Carlo). A variável sexo tinha uma correspondência de 100% na distribuição dos casos nas duas subamostras.

3.2. Instrumentos

Para a realização deste estudo organizou-se um protocolo que incluiu quatro escalas de autorresposta, precedidos de um questionário sociodemográfico de caracterização da amostra. Os questionários foram aplicados respeitando a ordem pela qual são descritos.

3.2.1. Questionário sociodemográfico

Este questionário foi construído para esta pesquisa visando recolher os seguintes dados: idade, género, atividade laboral, nível de escolaridade, estado civil, indicação de ter/não ter filhos e local de

residência. Na subamostra forense da DGRS continha ainda informação sobre o tipo de processo, o motivo do pedido e a instituição de recolha.

3.2.2. Escala de Avaliação da Impulsividade de Barratt (BIS-11)

A Escala de Barratt para a avaliação da impulsividade (BIS-11) foi construída por Ernest Barratt, em 1996. Na versão atual do modelo, a impulsividade é concebida como apresentando três componentes distintos: o motor; o atencional e a falta de planeamento (Maloy-Diniz et al., 2010).

A BIS-11 é uma escala de autopreenchimento composta por 30 itens relacionados com as manifestações de impulsividade de acordo com o modelo teórico proposto por Barratt (Maloy-Diniz et al., 2010; Patton et al., 1995). Cada um dos 30 itens leva a que o participante analise o seu próprio comportamento e a classificá-lo de acordo com uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos: 1=raramente ou nunca; 2=de vez em quando; 3=com frequência; 4 = quase sempre/sempre. A pontuação da escala varia entre 30 a 120 pontos e valores elevados indicam a presença de comportamentos impulsivos. A BIS-11 permite o cálculo de valores parciais referentes aos três tipos de impulsividade, sendo eles a impulsividade motora (itens 2, 3, 4, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 25 e 30), atencional (itens 6, 5, 9, 11, 20, 26, 28) e por não planeamento (itens 1, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 18, 27, 19). Os itens 1, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 20, 29 e 30 devem ser invertidos para o cálculo de valores parciais e totais.

Os estudos de validade inicialmente realizados por Patton et al. (1995) numa amostra inglesa (N=773; sendo 412 estudantes universitários, 248 sujeitos doentes psiquiátricos e 73 presidiários do sexo masculino) concluíram que não existe uma relação consistente com a definição de impulsividade cognitiva proposta por Dickman (1990). Os índices de consistência encontrados por Patton et al (1995) foram moderados a elevados, variando entre 0.79 e 0.82. Nas análises de ANOVA os autores verificaram que os grupos se diferenciavam nos resultados da impulsividade ($F= 27, 49; p<0,001$), com os estudantes universitários a apresentarem os resultados mais baixos em relação aos restantes.

Nos estudos realizados com uma versão brasileira da BIS-11 em amostras clínicas e adolescentes do sexo masculino (Diemen et al., 2007) verificou-se a existência de um índice de consistência interna da BIS-11 satisfatório (0,62), no entanto não se obtiveram os três fatores teóricos originais propostos.

Esta escala encontra-se a ser validada para uma amostra portuguesa através do mesmo protocolo usado neste estudo.

3.2.3. Escala de Desejabilidade Social (DESCA; Alberto, Oliveira, & Fonseca, 2012)

A Escala de Desejabilidade Social (DESCA) foi construída com o objetivo de avaliar a desejabilidade social, tentando responder a necessidades sentidas na avaliação concreta em contexto forense.

A primeira versão da DESCA era constituída por 21 itens, procurando assim obter-se uma escala simples e pequena, sem redundâncias, que permitisse uma compreensão fácil. A versão final da DESCA é formada por 15 itens cotados através de uma escala de Likert de quatro pontos (de 1= Discordo completamente a 4= Concordo Completamente), para evitar a possibilidade de respostas de não compromisso assinalando um ponto central (e.g. valor 3). Tem 6 itens de cotação invertida.

Os estudos de validação da escala para a população geral identificaram 3 fatores: a) Gestão da imagem social - GIS; Busca de Aprovação Social - BAS e Dependência Relacional - DR (Oliveira, 2013). Em termos psicométricos, em relação à consistência interna, para a escala global obteve-se um valor $\alpha = .757$, e coeficientes de estabilidade temporal elevados e significativos ($r = .749$, $n = 78$, $p < .001$) para um intervalos de 1 mês entre as aplicações (Oliveira, 2013).

3.2.4. Escala de Avaliação da Empatia (ESEMP; Alberto, Nóbrega, & Fonseca, 2012)

A escala de avaliação da Empatia (ESEMP) foi elaborada por Alberto, Nóbrega, e Fonseca (2012) com o intuito de fornecer um instrumento de avaliação da empatia. A versão de estudo no presente trabalho é constituída por 36 itens cotados de 1 a 4, através de uma escala

Likert (1= “Discordo completamente” a 4 = “Concordo completamente”). Vários itens da ESEMP são de cotação invertida.

Os estudos de precisão a nível da consistência interna registaram um alfa de *Cronbach* de .852 (Nóbrega, 2013). O teste reteste revelou estabilidade temporal com intervalo de um mês foi de $r=.810$, uma correlação elevada e estatisticamente significativa. Os estudos de validade revelaram de dois fatores, “Componente afetiva” e “Componente cognitiva”.

Em termos de validade divergente, observaram-se correlações baixas e negativas entre a ESEMP Total e os restantes instrumentos do protocolo utilizado, com exceção da dimensão Psicoticismo do EPQ-R, em que se obteve uma correlação negativa moderada e estatisticamente significativa, indicando que quanto maior a empatia, menor o Psicoticismo.

3.2.5. Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; Eysenck, Eysenck & Barratt, 1985; Almiro & Simões, 2012)

O Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R) foi construído com a finalidade de ultrapassar as limitações apontadas na anterior escala de mensuração do Psicoticismo. O EPQ-R avalia três fatores/dimensões fundamentais da personalidade: Psicoticismo (P), a Extroversão (E) e Neuroticismo (N), designando-se por isso *Modelo P-E-N* (Almiro & Simões, 2011).

Estudos realizados anteriormente evidenciam boas qualidades psicométricas, apresentando valores do coeficiente *alfa de Cronbach* a variar entre .76 e .90 nas várias dimensões (Almiro & Simões, 2011). As positivas propriedades psicométricas do questionário são consistentes nos estudos realizados por todo o mundo, quer ao nível da estrutura fatorial, quer ao nível da precisão (Almiro & Simões, 2011). Nos estudos efetuados em Portugal registaram-se valores de consistência interna de $\alpha=.64$ para P, $\alpha=.82$ para E, $\alpha=.88$ para N, .75 para L (Almiro & Simões, 2011).

3.3. Procedimentos

A subamostra forense da DGRSP foi recolhida pelo método de amostragem por conveniência, tendo como critérios de inclusão os participantes terem idade entre os 18 e os 45 anos e serem acompanhados no âmbito de algum processo judicial na DGRSP. Após a apresentação da pesquisa e do protocolo, e prestados os esclarecimentos necessários sobre a investigação em causa e os procedimentos, foi solicitada a colaboração a cada um dos participantes, informando que se tratava de uma investigação científica, cuja participação seria voluntária, confidencial e anónima. Era dada ainda garantia de que a informação recolhida no âmbito da investigação não era integrada nos processos judiciais que estavam a decorrer na DGRSP de Vila Franca de Xira. O preenchimento do protocolo decorreu quando os participantes se deslocavam à Equipa da DGRSP para as sessões de avaliação/intervenção relativas aos processos judiciais. Após a obtenção do consentimento informado dos participantes, procedeu-se à solicitação para o preenchimento do protocolo.

Para a constituição da subamostra de Controlo, da população geral, depois de analisadas as características da subamostra forense, foram selecionados de uma base geral de 380 casos, 28 que fossem equivalentes à amostra forense a nível do sexo, idade e nível de instrução.

As análises estatísticas dos dados foram realizadas com recurso à versão 20.0 para *Windows* do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

IV – Apresentação dos resultados

A apresentação dos resultados está organizada em função dos objetivos, para facilitar a estrutura da mesma.

a) Avaliar as qualidades psicométricas da BIS-11 na subamostra forense da DGRSP

A consistência interna analisada através do alfa de Cronbach registou na subamostra da DGRSP um $\alpha=.810$ para a BIS-11total (M=60,71; DP=10,37); adicionalmente, na subamostra de controlo, obteve-se um $\alpha=.70$ para a BIS-11total (M=64,71; DP=9,34).

Centrando na subamostra forense da DGRSP, relativamente à consistência interna da BIS-11, na análise da relação de cada item com a escala total (ver Anexo, Tabela A 3), a maioria dos itens apresentam uma correlação com a escala total acima de .200, excepto os itens BIS-11 7 ($r = -.158$); BIS-11 11 ($r = -.106$); BIS-11 23 ($r = -.087$) e BIS-11 26 ($r = -.110$). Destaca-se o item 30 (“Eu sou orientado para o futuro”) pela maior correlação ($r = .713$), seguindo-se o item 18 (“Eu aborreço-me facilmente quando estou a resolver mentalmente problemas”) com uma correlação igualmente elevada ($r = .711$). O valor menor de correlação com o total da escala ($r = .091$) pertence ao item 14 (“Eu digo coisas sem pensar”), que manteria o valor da consistência interna, caso fosse eliminado. Nos itens 3, 16, 21, 23 e 27 existem correlações muito baixas, pelo que se fossem retirados o alfa de *Cronbach* subiria para 0.807.

b) *Obter valores de referência para a avaliação da impulsividade de sujeitos envolvidos em processos judiciais*

Analisando as principais estatísticas descritivas relacionadas com os itens da escala na subamostra forense da DGRSP (ver Anexo Tabela A 3) constata-se que as médias variam entre 1.21 (DP = .499, no item 21 “Eu troco de casa (residência)”, e 2,89 (DP = .956) no item 15 “Eu gosto de pensar em problemas complexos”) apresentando maior número de respostas no sentido em que consideram seus comportamentos impulsivos. Os itens que revelaram maior homogeneidade no sentido em que os sujeitos percecionam-se como impulsivos foram o item 9 “Eu concentro-me facilmente” (M = 2.18; DP = .670), item 10 “Eu economizo (poupo) regularmente” (M = 2.18; DP = 1.056), item 14 “Eu digo coisas sem pensar” (M = 2.18; DP = 1.020) e item 23 “Eu só consigo pensar numa coisa de cada vez” (M = 2.18; DP = 1.056).

c) *Comparar os resultados obtidos nas subescalas da BIS-11 entre uma subamostra forense da DGRSP e uma subamostra da população geral (controlo)*

Perante o tamanho reduzido da amostra ($n < 50$), procedeu-se à

aplicação do teste Shapiro-Wilk a fim de avaliar se a distribuição dos resultados seguia a curva normal. Em várias subescalas o pressuposto da distribuição normal é violado, levando à necessidade de usar testes não paramétricos nesses casos. Para os restantes, usaram-se testes paramétricos.

Tabela 3: Teste de Shapiro-Wilk (*SW*) para as duas subamostras

		<i>SW</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
EPQ_Neuroticismo	controlo	,980	28	,857
	DGRSP	,937	26	,113
EPQ_Extroversão	controlo	,951	28	,215
	DGRSP	,926	26	,061
EPQ_Psicoticismo	controlo	,770	28	,000
	DGRSP	,732	26	,000
EPQ_Mentira	controlo	,935	28	,082
	DGRSP	,921	26	,048
BIS11_Atenção	controlo	,952	28	,221
	DGRSP	,955	26	,298
BIS11_Instabilidade	controlo	,942	28	,125
	DGRSP	,919	26	,044
BIS11_ATENCIONAL	controlo	,970	28	,579
	DGRSP	,946	26	,185
BIS11_MOTOR	controlo	,941	28	,120
	DGRSP	,966	26	,534
BIS11_Perseverança	controlo	,913	28	,024
	DGRSP	,940	26	,134
BIS11_Motor2 ^a	controlo	,922	28	,039
	DGRSP	,973	26	,690
BIS11_Autocontrolo	controlo	,923	28	,041
	DGRSP	,916	26	,037
BIS11_Complexidade	controlo	,906	28	,016
	DGRSP	,962	26	,425
BIS11_NãoPlaneamento	controlo	,949	28	,183
	DGRSP	,960	26	,383

DESCABas	controlo	,952	28	,218
	DGRSP	,970	26	,621
DESCAGIS	controlo	,955	28	,262
	DGRSP	,902	26	,017
DESCADR	controlo	,893	28	,008
	DGRSP	,845	26	,001
ESEMP_Afetiva	controlo	,946	28	,160
	DGRSP	,963	26	,464
ESEMP_Total	controlo	,963	28	,406
	DGRSP	,942	26	,152
ESEMP_Cognitiva	controlo	,946	28	,159
	DGRSP	,977	26	,810
BIS_total	controlo	,964	28	,437
	DGRSP	,954	26	,285

O teste t de *Student* revela diferenças significativas na BIS-11 para o total da escala e para a subescala BIS 11- Motor; adicionalmente registaram-se valores t de *Student* estatisticamente significativos na ESEMP total e subescala Cognitiva, sempre com a subamostra da DGRSP a obter valores superiores comparativamente à subamostra de Controlo (ver Tabelas 4 e 5).

Tabela 4: valores de Média, DP e Erro-Padrão nas subescalas da BIS-11, DESCA, ESEMP e EPQ-R com distribuição normal

	Grupo	N	Média	DP	EP
BIS_total	Controlo	28	64,71	9,341	1,765
	DGRSP	28	39,11	7,254	1,371
ESEMP_Cognitiva	Controlo	28	29,71	5,332	1,008
	DGRSP	28	41,50	6,028	1,139
ESEMP_Total	Controlo	28	75,00	10,590	2,001
	DGRSP	27	63,56	12,308	2,369
DESCA_Total	Controlo	19	49,26	5,791	1,329
	DGRSP	10	52,50	9,490	3,001
DESCABas	Controlo	28	12,68	3,611	,682
	DGRSP	28	13,00	4,225	,798
BIS11_MOTOR	Controlo	28	19,75	3,428	,648
	DGRSP	28	12,54	3,109	,588
BIS11_ATENCIONAL	Controlo	28	16,68	3,300	,624
	DGRSP	28	15,39	2,439	,461
BIS11_Atenção	Controlo	28	10,71	2,580	,488

	DGRSP	28	9,71	2,307	,436
EPQ_Extroversão	Controlo	28	12,71	4,504	,851
	DGRSP	27	14,74	4,443	,855
EPQ_Neuroticismo	Controlo	28	13,46	5,246	,991
	DGRSP	27	12,74	6,236	1,200

Tabela 5- Tabela de t de Student de comparação das subescalas e totais da BIS-11, DESCA, ESEMP e EPQ-R entre subamostra DGRSP e de controlo

	Teste Levene					95% IC	
	F	Sig.	t	df	Sig.	Inferior	Superior
BIS_total	1,369	,247	11,457	54	,000	21,126	30,088
ESEMP_Cognitiva	,548	,462	-7,749	54	,000	-14,835	-8,737
ESEMP_Total	1,327	,254	3,701	53	,001	5,242	17,647
DESCA_Total	1,731	,199	-1,145	27	,262	-9,038	2,565
DESCABas	,568	,454	-,306	54	,761	-2,427	1,784
BIS11_MOTOR	,222	,640	8,249	54	,000	5,461	8,968
BIS11_ATENCIONAL	,874	,354	1,658	54	,103	-,269	2,841
BIS11_Atenção	,887	,350	1,529	54	,132	-,311	2,311
EPQ_Extroversão	,019	,890	-1,679	53	,099	-4,447	,394
EPQ_Neuroticismo	1,325	,255	,466	53	,643	-2,389	3,836

Para as restantes subescalas e totais da BIS-11, DESCA, e EPQ-R cuja distribuição dos dados não é normal, usou-se o teste de Mann-Whitney, que registou diferenças estatisticamente significativas entre as duas subamostras nas subescalas Psicoticismo do EPQ-R, e Autocontrolo, Complexidade e Não planeamento da BIS-11. A subamostra DGRSP pontuou mais no Psicoticismo e teve valores mais baixos em Autocontrolo, Complexidade e Não planeamento da BIS-11 (ver Tabelas 6 e 7)

Tabela 6: Valores de Médias de Ordem para subescalas

	Grupo	N	Média de Ordem
EPQ_Psicoticismo	controlo	28	15,46
	DGRSP	27	41,00
BIS11_Perseverança	controlo	28	26,21
	DGRSP	28	30,79
BIS11_Autocontrolo	controlo	28	33,00
	DGRSP	28	24,00
BIS11_Complexidade	controlo	28	32,84
	DGRSP	28	24,16
BIS11_NãoPlaneamento	controlo	28	32,79
	DGRSP	28	24,21
DESCA DR	controlo	28	25,59
	DGRSP	28	31,41

Tabela 7- Tabela de valores de Mann-Whitney U (N=56)

	EPQ Psicoticismo	BIS11 Perseverança	BIS11 Autocontrolo	BIS11 Complexidade	BIS11 NãoPlaneamento	DESCA DR
Mann-Whitney U	27,000	328,000	266,000	270,500	272,000	310,500
Wilcoxon W	433,000	734,000	672,000	676,500	678,000	716,500
Sig.	,000	,285	,038	,045	,049	,173

d) Analisar as correlações entre a BIS-11 total e as suas subescalas e os totais e subescalas do EPQ-R, DESCA e ESEMP

Com o objetivo de verificar associações existentes entre as diversas variáveis contempladas neste estudo procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de *Spearman*. Verifica-se que as subescalas BIS-11 Complexidade e autocontrolo que registam valores de correlação mais elevados, moderados, com a Extroversão do EPQ-R e ESEMP total e subescalas, mas de sinal negativo, ou seja, à medida que aumenta a impulsividade, diminuem os valores nas outras variáveis (ver Tabela 8). Há ainda a Estudos de avaliação da impulsividade com a BIS-11 de Barratt numa amostra forense da DGRSP

destacar valores de correlação moderados entre a Escala de Extroversão do EPQ-R e as subescalas da BIS 11- Não planeamento, Atencional, Atenção e com o Total da BIS-11. Não há valores que evidenciem relação entre a respostas ao BIS-11 e à DESCA e escala de Mentira do EPQ-R, o que pode traduzir ausência de desejabilidade social nas respostas da subamostra da DGRSP ao protocolo.

Tabela 8 –Coeficientes de correlação de Spearman's rho entre BIS 11 e restantes escalas

	BIS 11 Total	BIS11 Aten...	BIS11 Instabi..	BIS11 Atenci..	BIS11 Motor	BIS11 Pers..	BIS11 Motor2ª	BIS11 Auto controlo	BIS11 Comple xidade
DESCA Total	-,177	-,232	-,068	-,300	-,164	-,346	-,201	-,293	,055
DESCA Bas	-,127	-,084	,219	,015	-,169	-,139	-,167	-,235	-,108
DESCA GIS	-,066	-,214	,236	-,135	-,048	-,002	-,013	-,179	,060
DESCA DR	-,152	-,211	,105	-,158	-,208	-,055	-,168	-,129	-,132
EPQ Neuroticismo	,259	-,061	,376*	,114	,204	,007	,136	,411*	,228
EPQ Extroversão	-,420*	-,530*	-,129	-,535*	-,215	-,229	-,265	-,542*	-,420*
EPQ Psicoticismo	-,082	-,198	,053	-,161	-,123	,045	-,088	-,016	-,186
EPQ Mentira	,193	,081	-,130	,044	,099	,250	,154	,355	,057
ESEMP Total	-,263	-,186	-,030	-,218	-,403*	,123	-,288	-,190	-,446*
ESEMP Afetiva	-,289	-,190	-,046	-,227	-,380*	,106	-,275	-,115	-,485*
ESEMP Cognitiva	-,314	-,232	-,024	-,244	-,211	-,100	-,249	,023	-,477*

V - Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal avaliar a impulsividade numa amostra forense da DGRSP (Vila Franca De Xira) através da escala de Barratt (BIS-11). Pretendeu-se ainda comparar os resultados obtidos na BIS-11 pela amostra forense com uma amostra de controlo e averiguar a existência de relações entre a impulsividade e as seguintes variáveis: empatia, desejabilidade social e dimensões da personalidade.

Foi obtido um bom coeficiente de correlação alfa de *Cronbach* ($\alpha=.810$; $n= 28$) para o total da BIS-11 na subamostra forense. Na análise da relação de cada item com a escala total, a maioria dos itens apresenta uma correlação com a escala total acima de .200, excepto os itens 7, 11 e 26.

Encontraram-se valores de correlação mais elevados nos fatores Neuroticismo e Extroversão com a escala “Autocontrolo” da BIS-11, sugerindo que a impulsividade não está diretamente relacionada com a mentira, mas sim tal como proposto por Eysenck (Fonseca, Eysenck, & Simões, 1991), com o Neuroticismo e Extroversão, o que confirma também a ideia de Herrero e Colom (2008), em que a busca de sensações está positivamente correlacionada com a impulsividade, a susceptibilidade para o aborrecimento, desinibição, psicoticismo, e neuroticismo e, negativamente correlacionada com a socialização. Por exemplo, os profissionais que assumem mais riscos são caracterizados por baixos níveis de Psicoticismo e elevados níveis de Procura de Aventura.

Relativamente à relação entre impulsividade e empatia, a escala total da ESEMP revelou uma relação moderada e negativa com a BIS-11, nomeadamente com a sub-escala de Complexidade. Este resultado aponta para possível influência da empatia na resposta à escala da impulsividade.

A Desca não apresentou correlações significativas do ponto de vista estatístico com a medida de impulsividade, quer na escala total, quer nos três fatores da escla (BAS, GIS e DR) com a BIS-11, indicando que a subamostra do contexto forense manifestou pouca desejabilidade social na resposta ao protocolo. Os resultados obtidos levam-nos a concluir que os sujeitos envolvidos em contexto forense quando questionados acerca da sua perceção dos comportamentos impulsivos por estes assumidos tendem a falar a verdade, e realizarem uma descrição da impulsividade mais próxima da realidade.

O resultado mais surpreendente registou-se no facto de no resultado global, a amostra forense registar menos impulsividade que a de controlo. Parece que o crime nem sempre é fruto de um comportamento impulsivo; pelo contrário, alguns crimes resultam de um planeamento minucioso, oposto ao conceito de impulsividade. Alguns crimes passionais, em que se age no momento, serão os que derivam de uma elevada impulsividade, mas as razões que levaram os participantes da amostra forense a ter processos judiciais podem, provavelmente, não resultar de um fraco controlo de impulsos ou de uma dificuldade em adiar recompensas.

VI - Conclusão

De um modo geral, os resultados vieram mostrar que as pessoas que cometem crimes não são necessariamente impulsivos, como descreve a literatura que concluem que a impulsividade em amostras forenses é maior, e esta pode predizer o comportamento violento futuro e, ainda, ser influenciada por variáveis como a desejabilidade social, a mentira e a empatia. A desejabilidade social não se mostrou influente na subamostra da DGRSP. A escala Extroversão do EPQ-R foi a que registou valores de correlação mais elevados com a BIS-11.

A respeito de alguns dos instrumentos utilizados neste estudo, há algumas considerações a fazer. Atendendo ao tamanho reduzido da amostra que se justifica sobretudo pela dificuldade dos participantes que se encontravam a ser acompanhados na DGRSP colaborarem na investigação, as versões completas da DESCA e ESEMP tornaram-se demasiado cansativas, o que nalguns casos levou a que entregassem o protocolo incompleto, ou se recusassem a participar.

Considerando as limitações deste estudo, destacamos desde logo o número reduzido da amostra que limitou as opções pelos testes estatísticos e pode estar a influenciar os resultados obtidos. Desta forma, sugere-se que em estudos futuros se envolvam mais participantes e com diferentes crimes (e.g. passionais ou de violência doméstica). Seria também importante integrar outras formas de avaliar a impulsividade,

por exemplo, através de testes de avaliação da atenção, como a Barragem, cujos erros traduzem uma medida objetiva de impulsividade.

Bibliografia

- Almeida, C. M., Romeiro, D., & Horta, P. (2005) A Impulsividade: A Importância da Sua Investigação. *Acta Psiquiátrica Portuguesa*, 51, 1625- 1629.
- Almiro, P. A. & Simões, M. R. (2011). Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R): Breve revisão dos estudos de validade concorrente. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 42, 101-120.
- Aluja, A, García, O., & García, L.F. (2004). Replicability of the three, four and five Zuckerman's personality super-factors: exploratory and confirmatory factor analysis of the EPQ-RS, ZKPQ and NEO-PI-R. *Personality and Individual Differences*, 36 (5),1093-1108.
- American Psychiatric Association (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Antony, M. M., & Barlow, D. H. (2010). *Handbook of assessment and treatment planning for psychological disorders*. New York: Guilford Press.
- Barkley, R. A. (1990). *Attention deficit hyperactivity disorder: A handbook for diagnosis and treatment*. Guilford Press: New York.
- Barkley, R. A., Fischer, M., Smallish, L., & Fletcher, K. (2002). The of attention-deficit/hyperactivity disorder into young adulthood as a function of reporting source and definition of disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 111, 279–289.
- Blackburn, R. (1969). Sensation Seeking, Impulsivity, and Psychopathic Personality. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33 (5), 571-574.
- Claes, L., Vertommen, H., & Braspenning (2000). Psychometric properties of the Dickman Impulsivity Inventory. *Personality and Individual Differences*, 29, 27-35.
- Caswell, A.J., Morgan, M. J., & Duka T. (2013). Inhibitory Control Contributes to “Motor” – but not “Cognitive” – Impulsivity.

- Experimental Psychology*, 60 (5), 324-334.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Dickman, S. J. (1990). Functional and Dysfunctional Impulsivity: Personality and Cognitive Correlates. *Personality Process and Individual Differences*, 58 (1), 95-102.
- Dickman, S.J., & Meyer, D. E. (1988). Impulsivity and Speed-Accuracy Tradeoffs in Information Processing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (2), 274-290.
- Diemen, L., Szobot, C.M., Kessler, F., & Pechansky, F. (2007). Adaptation and construct validation of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) to Brazilian Portuguese for use in adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(2), 153-6.
- Dolan, M., & Fullam, R. (2004). Behavioural and psychometric measures of impulsivity in a personality disordered population. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 15, 426-450.
- Fonseca, A. C, Eysenck, S.B., & Simões, A. (1991). Um estudo intercultural da personalidade: Comparação de adultos portugueses e ingleses no EPQ. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 25, 187-203.
- Fonseca, A. C. & Simões, A. (2004). A teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi: o papel do autocontrolo, da família e das oportunidades. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento anti-social e família: Uma abordagem científica*. (pp. 245-263). Coimbra: Almedina.
- Grant, J. E., Potenza, M. N., Hollander, E., Cunningham-Williams, R. M., Numinen, T., Smits, G. & Kallio, A. (2006). Multicenter investigation of the opioid antagonist nalmefene in the treatment of pathological gambling. *American Journal of Psychiatry*, 163, 303-312. (doi:10.1176/appi.ajp.163.2.303).
- Haden, S.C., & Shiva, A. (2008). Trait impulsivity in a Forensic Impatient Sample: An evaluation of the Barratt impulsiveness scale. *Behavior Sciences and the Law*, 26, 675-690.
- Herrero, O., & Colom, R. (2008). Distinguishing impulsive, unsocialized sensation seeking: A comparison between criminal offenders and the general population. *Journal of Individual Differences*, 29 (4),

199-204. Doi 10.1027/1614-0001.29.4.199

- Jessor, R., Costa, F. M., Krueger, P. M., & Tu1rbin M. S. (2006). A Developmental study of heavy episodic drinking among college students: The role of psychosocial and behavioral protective and risk factors. *Journal of Studies on Alcohol*, 67, 86-94.
- Jolliffe, D., & Farrington, D.P. (2009). A Systematic Review of the Relationship Between Childhood Impulsiveness and Later Violence. In In. M. McMurrin, & R. Howard (Eds.). *Personality, Personality Disorder and Violence*. (pp. 40 – 61) London: Wiley.
- Laub, J. H., & Sampson R. J. (1993). Turning Points in the Life Course: Why Change Matters to the Study of Crime. *Criminology*, 31, 301-325.
- Malloy-Dinis, L.F., et al. (2010). Escala de avaliação de Barratt (BIS-11): Tradução e adaptação cultural de Barratt impulsiveness scale (BIS-11) para a aplicação em adultos brasileiros. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59 (2), 99-105.
- Milia, L.D. (2013). A Revised Model of Dickman`s Dysfunctional impulsivity scale. *Journal of Individual Differences*, 34 (3), 138-142.
- Moeller, F.G., Barratt, E.S., Dougherty, D.M., Schmitz, J.M., & Swann, A.C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, 158, 1.783-1.793.
- Nóbrega, A. R. (2013). *Estudos de validação da Escala de Avaliação da Empatia- ESEMP*. (Tese de MIP não publicada). Universidade de Coimbra.Portugal
- Oliveira, J. A. (2013). *Estudos de validação da Escala de Desejabilidade Social – DESCA*. (Tese de MIP não publicada). Universidade de Coimbra.Portugal.
- Patton, J. H., Stanford, M. S., & Barratt, E. S. (1995). Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 51 (6), 768-774. doi: [10.1002/1097-4679\(199511\)51:6<768::AID-JCLP2270510607>3.0.CO;2-1](https://doi.org/10.1002/1097-4679(199511)51:6<768::AID-JCLP2270510607>3.0.CO;2-1)
- Romeiro, D., Almeida. C. & Horta, P. (2006). Adaptação portuguesa da Escala de Impulsividade de Barrat (BIS-11). *Acta Psiquiátrica Portuguesa*, 52 (1), 1675-1683

- Stanford, M. S., Mathias, C. W., Dougherty, D. M., Lake, S. L., Anderson, N. E., & Patton, J. H. (2009). Fifty years of the Barratt Impulsiveness Scale: An update and review. *Personality and Individual Differences*, 47(5), 385-395. [doi: 10.1016/j.paid.2009.04.008](https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.04.008)
- Tavares, H. (2000). *Jogo patológico e suas relações com o espectro obsessivo-compulsivo*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de São Paulo. Brasil
- Teeter, Phyllis Anne (1998). *Interventions for ADHD: Treatment in Development and Context*. New York London
- Vigil-Colet, A., Morales-Vives, F., & Tous, J. (2008). The relationship between functional and dysfunctional impulsivity and aggression across different samples. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(2), 480-487.

Anexos

Tabela A1: Estatísticas descritivas – valores da escala total em função da idade nos grupos controlo e DGRSP

Idade	Controlo	DGRSP	Total
18-25	7	10	17
25-35	10	11	21
35-45	11	7	18

Tabela A 2: Estatísticas descritivas – valores da escala total em função da profissão nos grupos controlo e DGRSP

	Controlo	DGRSP	Total	%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	1	0	1	3,6
Técnicos e profissionais de Nível Intermédio	3	1	4	14,3
Pessoal Administrativo e Similares	2	1	3	7,1
Pessoal dos Serviços e Vendedores	2	3	5	10,7
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	1	0	1	3,6
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	9	10	19	7,1
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	3	4	7	7,1

Trabalhadores	1	0	1	3,6
Não Qualificados				3,6
Desempregado	5	8	13	
Doméstica	1	0	1	10,7
Estudante	0	1	1	3,6
	28	28	56	100

Tabela A 3: Dados descritivos dos itens e valores de alfa se item eliminado
(N=56)

Item	M	DP	r Item - Total	α se o for retirado
BIS111	1,96	,881	,653	,791
BIS112	1,75	,799	,575	,796
BIS113	2,71	,810	,276	,807
BIS114	1,61	,916	,091	,814
BIS115	1,86	,756	,555	,797
BIS116	1,46	,693	,337	,805
BIS117	2,82	1,020	-,158	,826
BIS118	2,14	,932	,570	,794
BIS119	2,18	,670	,481	,800
BIS1110	2,18	1,056	,491	,797
BIS1111	1,64	,951	-,106	,822
BIS1112	2,00	,903	,638	,792
BIS1113	1,75	,928	,555	,795
BIS1114	2,18	1,020	,239	,809
BIS1115	2,89	,956	,123	,813
BIS1116	1,82	,945	,156	,812
BIS1117	1,86	,803	,436	,801
BIS1118	1,89	,875	,711	,789
BIS1119	2,04	,922	,587	,794
BIS1120	2,46	,881	,223	,809
BIS1121	1,21	,499	,283	,807
BIS1122	1,32	,723	,219	,808
BIS1123	2,18	1,056	-,087	,824
BIS1124	1,79	,738	,195	,809
BIS1125	1,25	,701	,425	,802
BIS1126	2,43	,920	-,110	,822
BIS1127	2,46	1,071	,293	,807

BIS1128	1,57	,790	,444	,801
BIS1129	2,86	,970	,220	,809
BIS1130	2,43	,959	,713	,787

